

TEMPOS DE AGORA

UMA EXPOSIÇÃO DE YULI ANASTASSAKIS

Chamamos de Idade Média o período histórico compreendido entre os Séculos V e XV na Europa. Atribuímos várias leituras, nomes e conceitos a esse tempo, como por exemplo “idade das trevas”. Mas as pessoas que viviam naquele momento não o compreendiam como um período intermediário entre a Antiguidade Clássica e a Idade Moderna ou mesmo que elas estavam imersas numa época de obscuridade em relação a tempos passados e vindouros. Elas simplesmente viviam suas vidas dentro de suas crenças e num dado contexto de grandes transformações. Não se sabia o que viria, não se sabia ao certo o que estava ficando para trás. Essa obstinação em organizar a experiência humana em períodos históricos e nomeá-las deve ser uma vontade moderna ou ao menos seus mecanismos surgiram com a modernidade. Tudo parecia muito bem aos olhos ocidentais até chegarmos ao século XXI. Como ficou evidente recentemente, o novo século não começou em 2001 ou mesmo com a queda do World Trade Center há exatos 20 anos, mas sim com a pandemia de COVID-19. Assim como todas as rupturas, essa já estava sendo anunciada há bastante tempo e trazia consigo diversos sinais e transformações em curso. Uma delas era um desgaste crescente da linguagem e descolamentos entre significantes e significados. O pensador jamaicano Stuart Hall chamou de rasura o uso contínuo de uma palavra mesmo ela não significando mais integralmente o que já havia significado. Usar palavras sob rasura foi o mecanismo possível para lidar com a ausência de palavras e de termos para nomear coisas novas. Ou mesmo o gesto possível para abarcar significantes que estavam em expansão de tal forma que não podiam mais serem cerceados.

E como nomeamos os tempos de agora? Quais palavras dão conta de um momento tão complexo (mesmo sabendo que o são porque estamos mergulhados nele)? Historicamente, segundo a nomenclatura, estaríamos ainda na Idade Contemporânea. Porém nossa sensação é a de que 2021 está a anos-luz de 2011 e que não há como projetar um futuro, diferentemente de 10 anos atrás. Desde 2016, a artista Yuli Anastassakis empreende uma minuciosa pesquisa dos termos recorrentemente usados na imprensa e nas mídias sociais

para denominar o momento atual. A partir da coleta e da compilação de frases divulgadas nos veículos de comunicação e nas redes sociais que qualificam o momento atual, a artista vai amplificando seu arquivo. Termos como *tempos sombrios* vão ganhando destaque pela sua enorme recorrência e a diversidade de frases que são compostas por ele vão sendo selecionadas e agrupadas. Depois, a informação que transita com velocidade e dispersão é transformada por Yuli em bordados lentamente construídos. Bordados são associados à criação de imagens agradáveis, apaziguadoras, reconfortantes, temas tradicionais que reafirmam identidades culturais e acalantam nossos espíritos, mas nas mãos dessa artista são ferramentas de desaceleração, concentração e decantação de percepções do tempo em que vivemos. A presente exposição arregimenta os desdobramentos recentes de sua pesquisa em que podemos observar as narrativas encontradas e engendradas por Yuli Anastassakis. Muito provavelmente cada visitante vai encontrar algum ou alguns enunciados que reverberem em sua própria percepção e sentimento. Em outros momentos, frases e afirmações podem iluminar o entendimento do estado das coisas. Não há nesta pesquisa, no entanto, o desejo de totalizar a experiência, mas talvez apenas apontar caminhos semânticos. **Tempos de agora** é um convite para expressarmos coletivamente o abismo em que vivemos, buscarmos novos vocabulários e nos situarmos diante da profusão de versões dos sequestros de linguagem pelo qual passamos. Contudo, como mesmo aponta a investigação de Yuli, outros tempos virão. Quem viver, verá.

Cristiana Tejo

TEMPOS DE AGORA | YULI ANASTASSAKIS

18 DE SETEMBRO A 17 DE OUTUBRO DE 2021